



## **Mundo rural e catolicismo santoral na Pesquisa Participante de Carlos Rodrigues Brandão**

### **Rural world and sanctoral catholicism in the Participatory Research of Carlos Rodrigues Brandão**

**Flávia Ribeiro Amaro** \* 

**Ana Paula Santos Horta** \*\* 

#### **Resumo**

Este artigo busca recobrir alguns aspectos centrais da Pesquisa Participante desenvolvida por Carlos Rodrigues Brandão junto a comunidades rurais no interior dos estados de Goiás, São Paulo e Minas Gerais. Trata-se de relacionar a sua biografia a algumas investigações de campo acerca das celebrações do catolicismo popular e das relações de vida e trabalho no mundo rural. A partir de um recorte epistemológico interdisciplinar, entre a geografia, a antropologia e as ciências da religião, busca-se apreender como a relação sociedade-natureza e seus tempos e espaços se alteraram com o processo de urbanização e industrialização que se intensifica a partir da década de 1960 no país e vai se desdobrando até os moldes atuais. A trajetória intelectual de Brandão se inicia nessa época e envolve pesquisas de campo sobre as práticas mítico-rituais do catolicismo santoral, tais como as Folias de Reis e as festas em homenagem a santos de devoção dos negros. Nesse período, Brandão também esteve envolvido com os movimentos sociais voltados às causas dos oprimidos e com as iniciativas de educação popular – sempre privilegiando os sujeitos do campo, do interior, cuja relação com o lugar e com a terra escapam da lógica impositiva ocidentalocêntrica, com seu binômio competência-concorrência, e apresenta uma resistência rústica peculiar cujos rituais festivos se baseiam na lógica da reciprocidade, com seu binômio dar-receber. Para dimensionar essa discussão, foi realizada uma revisão bibliográfica.

**Palavras-chave:** Carlos Rodrigues Brandão; catolicismo santoral; mundo rural; Pesquisa Participante; religiosidade popular.

---

\* Universidade Metodista de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Ciências da religião. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [flavia.ramaro@gmail.com](mailto:flavia.ramaro@gmail.com)

\*\* Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Araraquara, SP, Brasil. E-mail: [nirvana.horta@gmail.com](mailto:nirvana.horta@gmail.com)

## Abstract

This article seeks to cover some central aspects of the Participatory Research developed by Carlos Rodrigues Brandão with rural communities in the interior of the states of Goiás, São Paulo and Minas Gerais. It is a question of relating his biography to some field research on the celebrations of popular Catholicism and the relations of life and work in the rural world. From an interdisciplinary epistemological perspective, between geography, anthropology, and religious sciences, it seeks to apprehend how the relationship between society and nature and its times and spaces changed with the process of urbanization and industrialization that intensified from the 1960s in the country and unfolded until the current molds. Brandão's intellectual trajectory begins currently and involves field research on the mythical-ritual practices of Catholicism, such as the Folias de Reis and the festivals in honor of saints of devotion to blacks. During this period, Brandão was also involved with social movements focused on the causes of the oppressed and with popular education initiatives – always privileging subjects from the countryside, whose relationship with the place and the land escapes the Western-centric imposing logic, with its binomial competence-competition, and presents a peculiar rustic resistance whose festive rituals are based on the logic of reciprocity, from both sides. To measure this discussion, a literature review was conducted.

**Keywords:** Carlos Rodrigues Brandão; catholicism sanctoral; rural world; Participant Research; popular religiosity.

---

## Introdução

Este artigo tem como objetivo revisitar a obra de Carlos Rodrigues Brandão, especialmente, no que tange às suas investigações sobre o viver, o sentir e o saber dos homens e mulheres do campo, que vivenciavam em suas práticas cotidianas uma religiosidade espontânea, construída através da intermediação do lugar e da comunidade. O mundo rural foi o principal *locus* das análises e da práxis transformadora do pesquisador e seus interlocutores foram os camponeses, preferencialmente.

A partir da década de 1960, as ciências humanas brasileiras sofreram uma significativa mudança de paradigmas, na qual as culturas populares passaram a ser encaradas como profícuos objetos de estudos científicos e analisadas a partir de um viés interpretativo e participativo – e não mais, tratadas como meras manifestações folclóricas vinculadas a uma sociedade arcaica. Nesse ínterim, Brandão e demais pesquisadores de sua geração voltaram-se ao empreendimento de pesquisas engajadas politicamente com as causas dos oprimidos e tomaram como interlocutores sujeitos que estabeleciam uma forte

relação de afetividade com a terra, mesmo que muitas vezes não possuíssem a posse dela<sup>1</sup>. Os mundos rurais foram privilegiados em suas investigações e práxis transformadora e, concomitantemente, examinados por meio de abordagens empíricas, pautadas pelas entradas da “pesquisa participante<sup>2</sup>” e pela técnica metodológica da “observação participante”, simultaneamente aplicadas.

Defende-se aqui que, ao partir das paisagens rústicas e dos dramas dos camponeses, com seus respectivos tempos e espaços de vida e trabalho ligados aos ritmos e às dinâmicas da natureza, isto é, ao eleger como interlocutores os homens e as mulheres do campo, Brandão apresentava um recorte epistemológico contestador do *status quo* e inovador, no sentido de articular perspectivas eruditas e populares, articulando saberes diversos. Ao conferir voz e visibilidade àqueles sujeitos subalternizados, silenciados e invisibilizados pelas classes dominantes, o pesquisador apresentava uma atitude transgressora das ciências duras e apresentava uma inserção teórico-metodológica pautada por subjetividades e afetos em associação às contribuições da ciência convencional.

Ao longo de suas pesquisas, Brandão percebeu que mudanças substanciais ocorreram na sociedade e na cultura, refletindo diretamente na relação que os sujeitos estabeleciam com a sociedade e a natureza. As relações que os camponeses estabeleciam com a terra foi, portanto, significativamente alterada, o modelo da parceria sucumbiu diante da mercantilização e o êxodo rural se tornou, para muitos, inevitável. Segundo ele, tal lógica de interação do sujeito com a natureza foi corrompida pela racionalidade técnico-científica empregada no campo. Assim, a ética implicada nas interações entre as diferentes categorias de sujeitos socioculturais e seus respectivos modos de vida e apropriação do espaço se alteraram significativamente com o passar dos anos e o acirramento do capitalismo. Brandão buscou examinar esses trânsitos no decorrer de sua trajetória investigativa na academia e, nós, buscamos comentar aqui algumas dessas pesquisas.

O artigo está dividido da seguinte maneira: na primeira parte, discutimos a trajetória de inserção de Brandão no mundo rural do catolicismo santoral, por meio da

---

<sup>1</sup> Tais como no caso dos arrendatários, meeiros e posseiros, largamente investigados por Brandão.

<sup>2</sup> Brandão (1984), explicita a diferenciação entre as propostas investigativas da “pesquisa participante” e da “observação participante”, destacando que a primeira envolve o engajamento político voltado à superação de problemas socioculturais decorrentes da subalternização, visa a conscientização do oprimido acerca de seu processo de opressão, já a segunda, corresponde a uma técnica metodológica extraída da antropologia cultural, utilizada na academia desde as contribuições de Malinowski.

pesquisa participante, que por sua vez, envolveu engajamento político, pastoral e profissional. Já na segunda parte, revisitamos alguns trabalhos emblemáticos do pesquisador, que revelam sua preocupação com as cosmovisões e demais questões relacionadas ao campo e aos trabalhadores rurais e a terceira parte, traz alguns apontamentos específicos sobre as orientações do professor para o desenvolvimento da técnica metodológica da observação participante junto aos lugares, comunidades e sujeitos investigados.

### **Sobre a trajetória de engajamento de Brandão com o mundo rural**

Martinello (2011) refletiu sobre como Carlos Rodrigues Brandão apresentava a sua biografia em consonância com sua bibliografia, isto é, legitimando seus escritos a partir de suas experiências de vida e de como a imprensa o reconhecia como um especialista em cultura popular campesina, mesmo ele sendo proveniente de um meio urbano, como é o caso da cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu. Seu problema de pesquisa foi examinar como Brandão selecionava e apresentava em suas narrativas determinadas situações de sua própria vida de pesquisador-escritor para legitimar sua posição enquanto representante do mundo rural. De modo que, coube a Martinello analisar, o que o autor dizia sobre si mesmo, bem como refletir sobre as suas escolhas temáticas de pesquisa. Quanto à opção de Brandão pelo mundo rural, o investigador defende que, “[...] ser ‘estrangeiro’ ou estranho ao rural é também uma possibilidade de inserir-se enquanto pesquisador, seu caso” (Martinello, 2011, p. 59).

Destacamos aqui diferentes momentos de envolvimento de Brandão com o mundo rural do catolicismo santoral: *a época de militante estudantil* – relacionada às suas experiências como animador popular junto à Ação Católica (AC), à Juventude Universitária Católica (JUC) e ao Movimento de Educação de Base (MEB); *a época de pesquisador de mestrado e doutorado* – em que, paralelamente à academia participou da Teologia da Libertação (TdL) e atuou junto a Diocese de Goiás e a Comissão Pastoral da Terra (CPT), ao passo que, empreendia as suas primeiras pesquisas de campo pautadas pela técnica da observação participante – e, que resultaram na publicação dos livros: *Peões, Pretos e Congos* (1974a); *Cavalcadas de Pirenópolis* (1974b); *A Folia de Reis de Mossâmedes* (1977); *Os sacerdotes de viola* (1981a); *Plantar Colher e Comer* (1981b) etc.;

e, por fim, *a época de professor universitário* – orientando alunos e liderando incursões a campos etnográficos – como a expedição ao longo do leito do Rio São Francisco e, claro, produzindo artigos, ensaios e livros, como o caso de *Sacerdotes de Viola* (1981a), *Partilha da vida* (1995) e *O afeto da terra* (1999), que serão comentados mais detidamente no próximo subitem.

Embora o relacionamento de Brandão com a natureza remonte à sua infância – ele, inclusive, relatava com entusiasmo suas memórias sobre uma casa na Gávea, cujo quintal emendava com a floresta da Tijuca<sup>3</sup> – e, à sua adolescência, junto ao grupo de escoteiros e, mais à frente, com as expedições como guia escalador de montanhas, foi durante a década de 1960, atuando junto aos movimentos sociais da esquerda católica que ele experimentou o seu *primeiro momento* de engajamento com o mundo rural. Ou seja, foi quando aconteceram as suas primeiras incursões ao sertão, ao interior rústico do país, com o propósito de participar de um projeto político-pastoral-educacional voltado à causa dos oprimidos, sobretudo, os camponeses. Desse modo, seu primeiro trabalho de campo, na linha de Paulo Freire<sup>4</sup>, foi realizado fora do circuito Rio-São Paulo, no estado de Pernambuco, na zona rural da cidade de Garanhuns.

Ressalta-se, assim, que, durante a época em que ele cursava a faculdade de filosofia e depois de psicologia na PUC- Rio e atuava como um militante na JUC,

[...] o mundo da natureza tornou-se um cenário de vida, de envolvimento pessoal e coletivo com as comunidades, movimentos populares e lutas. O mundo rural passou a ser um lugar de engajamento e militância, um território múltiplo que foi estudado, pesquisado, compreendido, dialogado e, por fim, um campo de ação, ou seja, de atuação política, por meio da cultura e da educação (Pereira, 2017, p. 59).

A pesquisa participante levada a cabo por Brandão e seus pares àquela época era caracterizada por sua feição militante, cuja participação implicava em uma intervenção prática na sociedade. Assim, ele esteve envolvido com a TdL desenvolvendo iniciativas comprometidas com o fomento da cultura e da educação popular em Comunidades Eclesiais de Base (CEB'S). Uma vez, atuando nas CEB's ele se deparou com a expressão

---

<sup>3</sup> Tal como relata no seguinte trecho: “Acostumamos a acordar de manhã cedo ouvindo e vendo bandos de pequeninos macacos saguis, a quem chamávamos ‘miquinhos’. Cresci anos de minha infância, adolescência e juventude entre eles e mais os gambás, os ouriços caixeiros, os ‘esquilinhos’, inúmeras sortes de pássaros, algumas espécies de cobras e as notícias assombrosas de que nos fundos das florestas de perto viviam ainda onças” (Brandão: 2007a, p. 18-19).

<sup>4</sup> Aquele grupo de jovens intelectuais se engajava com o projeto da “Palavra Geradora”, que consistia em uma iniciativa educacional para a alfabetização de adultos.

de uma religiosidade popular cultivada por aquela gente, cuja adoração aos santos e demais práticas rituais autônomas do catolicismo popular se desenrolavam com frequência, em razão da ausência de lideranças sacerdotais naqueles confins. De tal modo, a partir dessas primeiras aproximações com o mundo rural, experimentava a confluência entre os saberes populares e acadêmicos e proferia uma síntese crítica e criativa entre ambos.

Brandão é responsável por cunhar o termo “educação popular”, que destacava o protagonismo dos homens e mulheres do campo nos processos educacionais de conscientização acerca de sua condição de opressão e, em contrapartida, os convidava a participar dos processos democráticos de tomadas de decisão, sobretudo, no que tangia aos problemas que lhes eram concernentes, como a luta pela terra e o acesso ao direito do voto impresso e assinado de próprio punho. Em suma, o pesquisador associava as espiritualidades e religiosidades populares ao papel de promotoras de uma cosmovisão mais integrada com a preservação da natureza e com as demandas e os problemas corriqueiros dos camponeses.

O segundo momento de envolvimento de Brandão com o mundo rural destacado aqui, é pertinente ao período em que ele foi aluno de pós-graduação – mestrado e doutorado – desenvolvendo pesquisas de campo junto a trabalhadores rurais acerca de suas dinâmicas de vida, trabalho, religiosidade e relação com a natureza. Trata-se de um período em que, concomitantemente, ele participou ativamente de movimentos sociais, como o Centro Ecumênico de Informação e Documentação (CEDI), a CPT e as CEB’s por meio da Diocese de Goiás que, por sua vez, pautavam-se pela TdL e se autodesignavam como sendo “igrejas do evangelho”.

Brandão produziu uma dissertação de mestrado<sup>5</sup> sobre o mundo rural goiano intitulada, *Peões, pretos e congos: trabalho de identidade em Goiás*, defendida em 1974. A pesquisa foi realizada em Pirenópolis- GO e tomou como objeto de estudos a Festa do Divino Espírito Santo. De Pirenópolis, Brandão foi para Mossâmedes, onde pesquisou outra Festa do Divino e saiu, pela primeira vez, em uma jornada junto a uma Companhia de Foliões de Santos Reis. Esse momento foi decisivo para sua formação e contém o cerne do que viria a ser sua metodologia, pois, segundo ele, ali vivenciou uma espécie de

---

<sup>5</sup> Brandão cursou o mestrado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB), sob orientação de Roberto Cardoso de Oliveira.

deslumbramento pelo tema, que perpassou toda a sua vida, qual seja: os rituais coletivos do catolicismo santoral rural brasileiro.

Foi no interior de Goiás, ainda como pesquisador, que Carlos Brandão aprendeu que, para ele, enquanto cientista e pessoa, não havia possibilidade de se fazer ciência objetivamente. Citando suas próprias palavras: “aprendi a me envolver de emoção pelo meu trabalho. Aprendi a só querer pesquisar e escrever sobre aquilo que de algum modo tomasse conta de minha vida e dos seus significados” (Brandão, 1981a, p.13). Depois de Pirenópolis e Mossâmedes, ainda em solo goiano, Brandão foi à Cidade de Goiás e, de lá, para Catalão. Nessas duas cidades pesquisou Congadas e ampliou ainda mais seu envolvimento com festejos e rituais religiosos do catolicismo santoral, especialmente por documentar a festa de São Benedito. Sobre esse período, o autor afirma:

Foi quando eu comecei a aprender que por baixo do folclórico, como nós chamamos o que vemos, existe a devoção, como o povo chama o que faz. Foi ali que aprendi a compreender a cultura popular do ponto de vista dos seus próprios participantes. Este é o aprendizado mais difícil, porque ele converte o pesquisador em participante e o cientista em crente (Brandão, 1981a, p. 12-13).

Paralelamente, participou de um projeto denominado “Hábitos e Ideologias alimentares em grupos sociais de baixa renda: relatório final<sup>6</sup>”, conduzido por Klaas Woortmann (1978), e assim ampliou suas pesquisas sobre manifestações do catolicismo popular para incluir também as dinâmicas de vida, trabalho e relação com a natureza dos camponeses goianos<sup>7</sup>. Já a sua tese de doutorado<sup>8</sup> recebeu o título, “Os deuses de Itapira” e foi defendida em 1979.

Trata-se do pós-64, quando os movimentos sociais já haviam sido desmantelados. Contudo, Brandão não abandonou a luta e logo vinculou-se à Diocese de Goiás, passando a atuar junto a Dom Tomás Balduino com os Sindicatos de Trabalhadores rurais. Nesse período, o engajamento político-pastoral-profissional de Brandão com a igreja católica – do povo rezador de terço e adorador de santo – continuou a privilegiar as causas das minorias subalternizadas e envolveu-se com a reivindicação pela reforma agrária e com

---

<sup>6</sup> Anos mais tarde, esta mesma pesquisa foi revisitada e ampliada, resultando na publicação do livro “Plantar, colher e comer: um estudo sobre o campesinato goiano” (Brandão, 1981b).

<sup>7</sup> Seu artigo recebeu o título: “Hábitos de comida em Mossâmedes”.

<sup>8</sup> Brandão ingressou no doutorado em 1975, em Estudos da Religião vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da USP, sob orientação de Duglas Teixeira Monteiro, que faleceu e foi substituído por José de Souza Martins.

a formação da CPT<sup>9</sup>. Brandão foi assessor da CPT por mais de vinte anos. A CPT corroborou para a organização dos trabalhadores do campo, ao passo que, as CEB's eram os espaços destinados a acolher esses encontros.

O bispo Dom Tomás Balduino, inspirado pelo novo espírito do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) e buscando implementar as orientações da Conferência de Medellín (1968), disseminou a ideia de que os camponeses-leigos deveriam participar das decisões da igreja. A comunidade foi, assim, convidada a envolver-se com os problemas que lhes diziam respeito e a seus integrantes foi conferida voz deliberativa. Tal como expõe Brandão (2012, p.43), “[...] quantas vezes numa Assembleia Diocesana, a palavra de um lavrador nos silenciava. E a opinião de uma ‘mulher do povo’ teve mais peso em uma reunião do que a minha!”

A TdL conferia o caráter ideológico das ações voltadas aos trabalhadores rurais e pregava o compromisso com a resolução de seus problemas como uma forma de instaurar a justiça divina na Terra. Assim, eles buscavam ler a realidade das comunidades rurais a partir do evangelho bíblico. A motivação pela luta encontrava fundamento no argumento espiritual de tentar implementar, nessa existência, o Reino de Deus. Desse modo, a Diocese de Goiás articulava reuniões de Sindicatos de Trabalhadores rurais, da CPT<sup>10</sup> e demais encontros com a comunidade para discutir causas políticas, sociais e místico-teológicas, bem como para elaborar e desenvolver estratégias de educação popular. “A CPT fez um trabalho muito importante de conscientização dos camponeses” (Stédile; Mançano, 1996, p. 20).

A partir da década de 1980 com a ascensão do neoliberalismo, têm-se o terceiro momento de envolvimento do professor com o mundo rural. Naquele contexto, em que setores conservadores da sociedade e da igreja passaram a questionar a opção preferencial pelos pobres da TdL e o neopentecostalismo avançava veiculando um discurso teológico

---

<sup>9</sup> A Comissão Pastoral da Terra, inclusive, lançou uma nota de pesar na ocasião do falecimento do professor Brandão, onde lê-se: “Entre a imensa lista de contribuições inestimáveis do querido Brandão está também a colaboração com a CPT, desde seus antecedentes e primórdios, na diocese de Goiás, junto a Dom Tomás Balduino, um dos seus principais criadores, e às Comunidades Eclesiais de Base – CEB's.” Disponível em: <<https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/geral/6433-nota-de-pesar-carlos-brandao>>.

<sup>10</sup> Stédile e Mançano (1996), ressaltam a importância do trabalho ecumênico desenvolvido pela CPT alinhado aos pressupostos da TdL. Pois, segundo eles, a valorização da diversidade religiosa possibilitou que o Movimento Sem Terra (MST) não se caracterizasse exclusivamente como um movimento da igreja católica e pudesse ampliar seu escopo de inclusão para outras denominações religiosas populares. O dirigente do movimento, Stédile defende que o fator religioso foi preponderante para a formação do MST.

(a Teologia da Prosperidade) mais condizente com as demandas neoliberais por competência e competitividade. Assim, a teologia da prosperidade, bem como o catolicismo de caráter carismático se disseminava até mesmo no campo, ao passo que a TdL perdia força política e junto às suas bases. À essa altura Brandão já era professor do Departamento de antropologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e passara a realizar pesquisas e orientações de investigações sobre o imaginário camponês, que a despeito das transformações sofridas, ainda era considerado como sendo permeado por aspectos pré-modernos que resistiam e se resignificavam criativamente. Nesse tempo, ao fazer seu pós-doutorado na Espanha, pesquisou as comunidades campesinas da Galícia. E, seguiu pesquisando até poucas semanas antes de sua passagem, em 11 de julho de 2023, quando estava envolvido com pesquisas e publicações sobre temas relacionados à cultura, educação e religiosidade popular no mundo rural.

### **Pesquisas de campo de observação participante produzidas por Brandão sobre o mundo rural**

Destacamos aqui algumas pesquisas emblemáticas que demonstram o apego de Brandão à problemática da relação sociedade- natureza a partir dos tempos e espaços de vida, trabalho e festas de camponeses brasileiros.

#### *Sacerdotes de Viola (Brandão, 1981a)*

Primeiro estudo de rituais religiosos do catolicismo popular que Brandão realizou fora de Goiás, justamente no período em que já era professor da UNICAMP e estava vinculado ao Instituto de Estudos da Religião (ISER), ao lado de Pierre Sanchis. Esse livro traz seis estudos sobre diferentes celebrações realizadas em São Paulo e em Minas Gerais. Ao todo, recobre quatro distintos rituais, sendo: Folias de Reis, Dança de Santa Cruz, Congadas e Dança de São Gonçalo. Com muitas diferenças no que tange aos ritos, ritmos, símbolos e santos de devoção, essas festas têm algo em comum: são realizadas em comunidades de origem rural, de tradições ligadas à terra, e ainda que na ocasião das pesquisas já estejam presentes também em cidades, como é o caso da festa de Congos de Atibaia (SP), durante a tradicional festa de São João, foi na roça que nasceram. Aliás, percebe-se uma preocupação de Brandão com o destino desses rituais que migraram para

as cidades e que, segundo ele, “perderam seu contexto e se empobreceram aos poucos de gente, de gestos e de significados” (Brandão, 1981, p.16) Assim, acerca dos trânsitos entre o meio rural e o urbano.

É curioso notar que, Sacerdotes de Viola foi escrito inicialmente como projeto enviado à FUNARTE, por isso é uma reunião de textos sobre diferentes locais que estavam mais próximos de Brandão naquele momento em que atuava em Campinas. Em função do intrincado trabalho como professor universitário e com pouca disponibilidade para realização de pesquisas que demandavam mais tempo em campo, como fez em Goiás, Brandão se aproxima das Folias de Reis de Caldas ao tirar uns dias de férias no Sul de Minas a fim de fazer pesquisa sociológica sobre mundo rural. Em uma entrevista, ele rememora:

Ritual é algo que vai ficar assim só para as férias, quase só na hora do recreio. Vim pra cá fazer umas pesquisas e quase como por acaso eu vejo um edital da FUNARTE, eu já na Unicamp, e faço um projetinho chamado “Rituais Religiosos da Mantiqueira Mineira e Paulista”, que é o Sacerdotes de Viola, onde pesquiso o lado de lá, o lado paulista, Carapicuíba, Atibaia, e o lado de cá, o lado mineiro, que é quando venho a Caldas. Aliás, por acaso, porque eu fui a Poços de Caldas e lá me falaram que havia uma folia aqui em Caldas e eu vim. Se não fosse uma conversa de botequim, eu não tinha vindo” (Horta, 2022, p.32).

Nessa obra, identificamos o modo peculiar de fazer pesquisa de um autor que marcou gerações ao unir teoria antropológica e sensibilidade frente à realidade vivida pelas pessoas com quem dialogava durante o campo antropológico. Privilegiando o mundo camponês como espaço de rituais religiosos do catolicismo santoral, Brandão conduziu suas pesquisas de modo a se transformar de pesquisador em comparsa:

Eu pensava que um modo popular de trocar símbolos entre os homens começava a morrer. Resolvi então dirigir todas as pesquisas de modo tal, que sempre procurasse ver o que se praticava, com os olhos dos praticantes; uma vez mais, alguma coisa semelhante a passar de pesquisador a comparsa. Por isso mesmo, em todo esse trabalho que descreve fatos do nosso folclore, discuto formas populares de devoção religiosa, tal como aqueles que fazem me contaram que fazem (Brandão, 1981a, p.14-15).

Podemos inferir com Horta (2022) que o método empreendido por Brandão foi, na maioria de seus estudos, a pesquisa participante com envolvimento popular. Para ele e toda uma geração de pesquisadores militantes, a metodologia é inseparável dos grupos sociais com ao quais se trabalha em campo. Assim, a defesa do engajamento político que se fez para justificar a pesquisa participante colocou o pesquisador como militante, como aliado do grupo em suas lutas.

*A partilha da vida (Brandão, 1995)*

Essa obra é um trabalho derivado de um longo e entrecortado tempo de vivências e investigações na região do Alto Paraíba e, nela, em São Luís do Paraitinga, em Catuçaba e nos seus bairros rurais vizinhos. Sua produção foi possível com a bolsa da FUNARTE, que já mencionamos acima, quando Brandão teve aprovado seu projeto sobre “rituais religiosos da Mantiqueira paulista e mineira” e, podemos dizer, seguindo orientações do próprio autor, que *O afeto da terra* e *A partilha da Vida* são obras irmãs. Especificamente nessa última obra, sobre a estreita relação entre os dois trabalhos, Brandão registrou:

Vivi lá momentos e motivos diferentes, participei de criações e escrevi relatórios de pesquisa diversos. De 1979 até 1986, experimentei entre as pessoas e os cenários rurais da região de São Luís do Paraitinga, quase todas as vivências que um pesquisador pode esperar em tais situações. Estive por lá em um rápido fim de semana, acompanhando uma festa na cidade ou em um bairro. Vivi “com os de Catuçaba” longos e inesquecíveis meses, habitando a pequena “casa do professor”, que por três anos aluguei de Seo Abílio, notável folião de Santos Reis. Terminado um trabalho de campo, pouco tempo depois surgiam razões para voltar, para um outro. Por isso, tantas estórias. A primeira vez em que estive em São Luís do Paraitinga foi para presenciar e documentar a Festa do Divino Espírito Santo, celebrada todos os anos à volta do Domingo de Pentecostes. Eu havia recebido da FUNARTE uma bolsa para pesquisas sobre “rituais religiosos da Mantiqueira paulista e mineira” e tratava de localizar e documentar ciclos de comemorações religiosas de negros e camponeses entre o Sul de Minas e um São Paulo próximo. Na verdade, devo lembrar ao leitor que o Alto Paraíba não fica na Mantiqueira, mas está entre o Vale do Paraíba e o Litoral Norte de São Paulo e Sul do Rio de Janeiro. Mas a fama da festa e a do lugar autorizaram uma pequena transgressão geográfica de que, em absoluto, não me arrependo. Parte deste primeiro trabalho pode ser encontrado em *Sacerdotes de Viola* (Brandão, 1995, p.2).

Durante sua longa permanência em São Luiz do Paraitinga, o pesquisador se sentiu dividido entre ser um antropólogo do mundo camponês tradicional e um educador. De acordo com Brandão (1995), a ele interessava tratar, na ocasião, duas questões: uma relacionada às lógicas e estruturas internas da cultura camponesa tradicional de reprodução do saber e das relações técnicas do trabalho agropastoril, sociais e rituais. E outra, relacionada ao campo da educação popular-camponesa, ou seja, ele almejava refletir sobre o lugar e o sentido da escola rural na sociedade rural.

Ao abordar o que aqui nos interessa, o mundo agrário, o autor descartou a lógica formal das relações produtivas e focou, para usar suas palavras, “nos feixes de sentidos e sensibilidades que realizam o lado de almas das vidas das pessoas”. Ao analisar as trocas entre as pessoas, entre as pessoas e seus deuses, entre seus mundos e símbolos, Brandão

não só se fez “um de dentro” do grupo pesquisado, como também partilhou com “os de lá” a vida ao realizar uma pesquisa, segundo suas próprias palavras, “típica de antropólogos de meu tempo. Convivi com as pessoas verões e invernos” (Brandão, 1995, p.7). Assim, como numa imersão ao mundo camponês, transitando entre casas, quintais, pastos, lavouras e beiras dos matos, ele conseguiu transformar um exercício acadêmico e antropológico em uma experiência humana densa e profunda, tal qual podemos comprovar ao revisitar *A partilha da Vida*.

*O afeto da terra (Brandão, 1999)*

Nessa obra, Carlos Rodrigues Brandão se concentra no estudo do conhecimento que o homem camponês possui e utiliza, de formas muito oportunas, em sua relação com a natureza e com a comunidade e que vive. Fica evidente que, para o autor, o sentimento de tempo vivido como imaginário, conhecimento, preceito e gramática da vida individual e coletiva, não pode ser medido por meio de uma esfera única, mas sim por vários elementos que regulam a vida social. Desse modo, Brandão elenca vários indicadores tradicionais da passagem do tempo natural nas sociedades rurais, tais como: os da natureza cósmica, os do ambiente próximo, os dos efeitos do trabalho da cultura sobre a natureza incorporada à sociedade, os dos dias de festa do grupo doméstico, os dos dias de festas comunitárias em seus vários círculos de relações e significados de identidade e aliança (Brandão, 1999, p.90). Segundo ele, esses indicadores dimensionam a temporalidade na experiência cotidiana camponesa, norteados por trabalho, relacionamentos pessoais, atividades agrícolas e trocas econômicas e simbólicas.

Em *O afeto da terra*, inferimos que o sentimento de passagem de tempo é lugar-comum na fala das pessoas que tendem a memorizar e organizar suas vidas não só em função da natureza cósmica, como também do calendário das festividades religiosas. Tanto para os foliões quanto para os moradores que recebem tradicionalmente as companhias em suas casas, ou para aqueles que só as veem passar e/ou acompanham a “jornada”, a Festa de Reis é o marco de mais um ano que se finda e de outro que se inicia. Assim, como a idade das pessoas é contada pelo número de “janeiros”, palavra usada na região para falar dos anos vividos, a marcação social da passagem de mais um ano é sentida legitimamente pela comunidade quando a Folia inicia seus trabalhos no dia 24 de

dezembro e só termina em 6 de janeiro. Conforme Brandão, as festas comunitárias em seus vários círculos de relações e significados de identidade e aliança são marcadores do tempo, da mesma forma que, em outra escala, festeja-se nas escolas o “Dia da Independência” e o “Dia de Tiradentes”.

Esse livro foi também mais um dos tantos trabalhos coletivos que Brandão desenvolveu com estudantes universitário(a)s no decorrer da sua vida:

Já em 1991, ao projetar com Mardo D’Olne Campos e com estudantes de pós-graduação e graduação da Unicamp, um programa de investigações sobre lógicas da natureza e éticas do meio ambiente entre pescadores caiçaras tradicionais do Litoral de São Paulo e lavradores “caipiras” do interior do Estado, lembrei-me de dividir a minha parte de pesquisa pessoal em dois momentos, correspondentes a duas regiões serranas de São Paulo. Escolhi voltar breves vezes a São Luis do Paraitinga, na Serra do Mar e descobri, com duas alunas de graduação tornadas companheiras de campo, o município de Joanópolis e o seu bairro rural “dos Pretos”, na Serra da Mantiqueira. Dentro do projeto Homem, Saber e Natureza - sistemas cognitivos de classificação e representação da natureza e sistemas normativos de apropriação patrimonial do meio ambiente entre pescadores caiçaras e camponeses tradicionais do Litoral, da Serra do Mar e da Serra da Mantiqueira, no Estado de São Paulo, o presente relatório vale como a primeira metade de minha contribuição aos nossos estudos. A meio caminho entre minhas pesquisas e preocupações antecedentes, e as atuais, ele oscila entre um exercício de decifração de alguns aspectos e dimensões pouco conhecidas da vida e dos imaginários das pessoas do mundo camponês tradicional no Brasil, e uma porta de entrada a uma reflexão, com base empírica, sobre símbolos, gestos e significados nas relações entre homens e mulheres do mundo agropastoril tradicional em regiões de montanha, e o seu meio ambiente. O *Afeto da Terra*, meu relatório da investigação em Joanópolis, pretende dar conta de pelo menos parte de nossas perguntas, quando iniciamos o Homem, Saber e Natureza (Brandão, 1995, p. 5).

Sendo considerada, pelo próprio autor (Brandão, 1999, p.16) como uma obra irmã de *A partilha da vida*, *O afeto da terra* é comumente comparada à primeira por tratarem, as duas, de uma temática similar que coloca como protagonista uma comunidade de reciprocidades entre pessoas, bens, serviços, afetos e significados de vida. Em ambas, a lógica da natureza se sobrepõe à lógica do mercado, da produção e da concorrência; para dar lugar a uma ciência de conhecimento do meio ambiente, no qual os sinais do tempo, do clima e da paisagem natural se mesclam aos sinais da fé, da devoção, dos corpos em dança e oração, das vozes que cantam e das mãos que tocam instrumentos para os santos. Com isso, nas comunidades tradicionais pesquisadas por Brandão, com seu olhar de comparsa, percebe-se uma ética que opõe negócio e ócio, lucro e reciprocidade, interesse e afeto.

## Observação participante: uma abordagem sobre o lugar, a comunidade e os sujeitos

O trabalho de campo de observação participante é uma técnica metodológica de caráter empírico, de larga tradição na antropologia cultural, porém, que também pode ser utilizada para refletir acerca de assuntos pertinentes a outras áreas do conhecimento científico, como a geografia e as ciências da religião. Dado que, destina-se a compreender aspectos diversos relacionados à realidade de um determinado lugar, comunidade e sujeitos particulares.

A abordagem da “observação participante” implica na imersão do/a pesquisador(a) no ambiente a ser estudado – o campo de pesquisa, diante do qual ele se coloca voluntariamente disponível para vivenciar participativamente junto aos sujeitos examinados os acontecimentos diversos e imprevisíveis que se desenrolarão naquele contexto. Desse modo, o/a pesquisador(a) se propõe a experimentar de forma participativa as dinâmicas socioculturais de uma determinada localidade-comunidade e a interagir e dialogar com os seus membros em busca de informações variadas que possam compor um esquema interpretativo para a sua pesquisa. Basicamente, podemos dizer que se trata de uma relação dialogal entre pesquisador(a) e membros das comunidades pesquisadas.

Interessa à observação participante captar olhares, gestos, movimentos e interações entre os diferentes membros do grupo social pesquisado – suas falas, seus silêncios. A aplicação desse recurso metodológico consiste em selecionar informantes e promover entrevistas semi-estruturadas com eles, indagando sobre o seu cotidiano e suas visões de mundo. As perguntas, embora, previamente formuladas se abrem à improvisação do campo e à espontaneidade da relação entre pesquisador e pesquisado. Conforme salientam Souza e Brandão (2012),

O pesquisador precisa, antes de tudo, saber captar o que ‘eles dizem sobre eles’ para, só então, reconstruir o que ‘nós dizemos sobre eles’, numa criação que parte do ‘endo’ (de dentro da comunidade) para o ‘exo’ (construção do pesquisador) (Souza; Brandão, 2012, p. 110).

Em seus trabalhos de campo no mundo rural, Brandão buscou aplicar a técnica da observação participante para captar aspectos emblemáticos da experiência cotidiana dos trabalhadores rurais, bem como de momentos excepcionais como as festas e celebrações do catolicismo popular, em que eles eram os principais atores envolvidos. Pois, partia do entendimento de que, “Observar os gestos, os comportamentos e as condutas sociais de

um povo em um lugar, revela muito sobre o que eles são e de que forma eles pensam o mundo” (Souza; Brandão, 2012, p. 110).

De acordo com Brandão (2007b) há um encadeamento dos processos investigativos ligados à aplicação da técnica da observação participante. Num primeiro momento, cabe ao pesquisador proceder à uma ampla revisão bibliográfica, dedicada tanto a recobrir os assuntos e autores pertinentes a seu objeto de pesquisa e área de concentração científica específica quanto recorrer às leituras transversais, que possam inspirá-lo criativamente. Em seguida, parte-se para o trabalho de campo, propriamente dito, que se inicia com uma etapa de ambientação com o lugar estudado. Conforme o pesquisador comenta mais detidamente em um outro artigo publicado anos mais tarde, “Ao se chegar pela primeira vez em uma comunidade em uma situação de pesquisa, busca-se inicialmente, ‘o ver’ como um momento/etapa de olhar inocente, capturando gestos, cenas e coisas” (Souza; Brandão, 2012, p.110). Assim, o pesquisador desloca-se para um lugar, que abriga uma determinada comunidade, composta por sujeitos singulares com suas respectivas biografias, cosmovisões e narrativas. Sujeitos que vivem, e pensam e sentem conforme as intermediações daquele lugar e dos outros membros daquela comunidade.

Uma vez em campo de observação participante, ele selecionará informantes – “[...] em uma aproximação mais íntima, será capaz de trocar mensagens e manter laços de reciprocidade” (Souza; Brandão, 2012, p.110) e interpretará o seu objeto de estudos levando em consideração uma ampla variedade de camadas de interpretação. Produzirá relatórios frequentes, descrevendo o mais detalhadamente possível os acontecimentos que se passaram enquanto observava, de maneira que ele descreverá e analisará o seu campo, simultaneamente.

O antropólogo pontua que, o trabalho de campo de observação participante envolve uma dimensão muito intensa de subjetividade, dado que o caráter das relações travadas entre investigador e investigado é determinante para a qualidade e resultado do trabalho. Nessa perspectiva, a subjetividade relacionada à interpretação do outro acerca de sua própria realidade faz parte dessa metodologia inovadora proposta por Brandão.

O lugar, é comumente tomado como um importante componente da observação participante, desempenhando um papel fundamental na compreensão das nuances contextuais. Ao adentrar o lugar, o/a pesquisador(a) tem a oportunidade de analisar de

perto e participar das dinâmicas socioculturais que envolvem os sujeitos que vivem e sentem aquele lugar cotidianamente.

A comunidade, por sua vez, é um rico objeto de estudos para a observação participante, ela está situada em um território e, é composta pela associação de sujeitos que vivem juntos em um determinado lugar e compartilham dos mesmos hábitos, costumes, crenças, cosmovisões, partilhando as condições básicas para uma vida em comum. As comunidades rurais são unidades socioculturais conectadas com o mundo. “A comunidade é, portanto, um espaço de vida. O que caracteriza a essência de cada comunidade são os sujeitos e as relações que se estabelecem entre eles e com a natureza” (Souza; Brandão, 2012, p. 111).

Os membros de uma comunidade se reconhecem próximos uns dos outros a partir de laços de parentesco e descendência, mas também por fatores culturais diversos, como por exemplo, por compartilharem características étnicas, religiosas, por serem da mesma vizinhança e/ou equipes de trabalho, entre outras possibilidades, que estabelecem entre si um “[...] complexo tabuleiro de alianças e conflitos, de preferências e evitações, de formação de unidades de trocas e reciprocidades [...]” (Brandão; Borges, 2014, p. 19).

Ao inserir-se nesse grupo de indivíduos, o pesquisador é capaz de compreender as relações sociais existentes entre eles, os valores culturais, as formas de interação com os de fora e os principais desafios enfrentados pela comunidade em seu dia a dia. Essa participação ativa permite ao/a pesquisador(a) obter uma perspectiva mais aprofundada e empática sobre as experiências vivenciadas pelos membros do grupo.

A observação participante também envolve uma análise do sujeito que está sendo estudado. O sujeito, seja ele um indivíduo em particular ou um grupo específico, possui sua própria visão de mundo. Através da observação participante, o/a pesquisador(a) pode capturar essas nuances e compreender como o sujeito se relaciona com o lugar e a comunidade em que está inserido. Trata-se de uma vereda trilhada gradualmente, passo a passo, em que atalhos como a observação e a convivência são por vezes tomados em detrimento dos largos caminhos dos métodos consagrados nas Ciências Sociais. Isso, evidentemente, cria um temor de que haja “tantas antropologias quanto antropólogos”, uma vez que o observador faz parte da pesquisa, tornando-a subjetividade ao mesmo tempo em que é ciência. De modo que, citando Fals Borda: “a metodologia e o investigador não são duas coisas separadas” (Borda et al., 1999, p.142).

Pesquisa de campo é sempre um processo de entrega, envolvimento, conquista de confiança, afetos e, por vezes, desafetos; é mediação, comunicação e percepção afinada com a visão de mundo das pessoas inseridas no universo da pesquisa. Contudo, não se trata de mera intuição, nem de opinião imediatista, mas de uma imersão densa e reflexiva, no dia a dia, para captar e descrever o pensar, o sentir e o lugar que o outro ocupa, afirma e transmite. Trata-se de estar em campo, não como mero/a observador(a), mas sim, como afirmou Brandão em entrevista: como “uma testemunha de tempos, pessoas, culturas e memórias; em busca de aprendizados densos e difíceis. Em busca de substância de vida e de seus mistérios, contradições, misérias, generosidades e conflitos” (Lima; Rodrigues, 2007, p.148).

Em síntese, a observação participante é um instrumento valioso para a compreensão do lugar, da comunidade e dos sujeitos. Por meio dessa abordagem, o/a pesquisador(a) tem a oportunidade de imergir, de forma relacional, no campo junto a seu objeto de estudo, capturando as nuances contextuais e interpessoais que constituem essas realidades.

Assim, admitimos que as orientações de Brandão para a aplicação do recurso metodológico da observação participante implicam no,

[...] esforço de olhar o Outro a partir de seu próprio olhar, isto é, de sua cosmovisão e de suas próprias categorias de interpretação, corresponde a praticar uma postura respeitosa frente a sua pessoa, seu grupo social e as suas produções simbólicas, imagéticas, materiais e imateriais (Amaro, 2021, p. 220).

A observação participante, revela-se, assim, um importante instrumental analítico para a interpelação empírica por parte do(a)s investigadore(a)s de lugares, comunidades e sujeitos singulares.

### **Considerações finais**

As maneiras de ser, sentir e de saber dos homens e mulheres do campo se transformaram significativamente desde a década de 1960, quando Brandão iniciou suas imersões no mundo rural do catolicismo santoral. Suas pesquisas acompanharam esse movimento ao interpelarem as relações de trabalho e as manifestações culturais e religiosas dos camponeses, convencido de que a atenção e a valorização das produções simbólicas e materiais do mundo rural são essenciais para a compreensão da sociedade brasileira numa perspectiva mais ampla.

As relações entre as mudanças do campo religioso e as da sociedade em processo de transformação, são essencialmente complexas e foram ser apreendidas sob diversos

aspectos, panoramas, prismas; porém, o ponto de vista eleito como preferencial nas pesquisas de Brandão era o do ritual. E, foi no campo ritualístico das festas religiosas, dentro do que aqui convencionamos chamar de catolicismo santoral que, tendo em vista as mudanças empreendidas pela urbanização e pela industrialização, que Brandão investigou as expressões populares de interação entre os sujeitos e a divindade e nos deixou pistas valiosas para refletir acerca das mudanças no mundo rural brasileiro, mediante uma negociação nova entre as forças do mercado cultural, da globalização e da identidade local.

Contudo, a concepção de cultura/religião popular como um lugar de resistência e sobrevivência de valores que precisam ser “resgatados” e preservados guarda em si um certo olhar romântico, nostalgicamente voltado ao passado que, por sua vez, pode ser considerado como idealizado e/ou utópico. Considerar os fazeres populares, sejam festas, rezas ou manifestações artísticas, como exemplos de uma alteridade idealizada e autêntica pode soar como uma interpretação equivocada. É preciso perceber que, dessa articulação conceitual tensa e necessariamente dialética, derivam novos significados: ressignificações culturais diante do processo de globalização.

Pensar manifestações culturais como espaços de produção, reprodução e consumo de bens tangíveis e intangíveis requer uma visão do constante dinamismo das trocas ou hibridizações do campo da cultura, pois novos significados estão sendo a todo tempo construídos, sobretudo, no contexto contemporâneo em que as culturas populares estão recebendo novos sentidos, num jogo dilemático entre o local e o global, entre a tradição e a modernidade. Deste modo, não se trata de estudar manifestações do mundo rural de forma essencialista, fora dos contextos globais e com os rótulos da “deturpação” e “descaracterização” de tais fenômenos; mas sim, de pensá-los como lugar de adaptações, sínteses, ressignificações e encontros culturais.

Argumentou que o sujeito do campo está inserido em uma outra lógica de pertencimento e relação com os tempos, espaços e ritmos da natureza, que por sua vez, aparece como um lugar de afeto e de resistência criativa de uma comunidade perante as imposições do mercado e da globalização. Embora, os usos socioculturais da terra tenham se transformado, resquícios de um tempo pré-moderno em que o imaginário dos santos era mais presente se mantém resistente. As celebrações em homenagem aos santos de

devoção dos negros e camponeses ainda são realizadas, adaptando-se conforme o movimento dialeticamente travado entre inovação e tradição.

Se pudéssemos avaliar a extensão do legado do professor em relação ao impacto de sua produtividade quanto à valorização de culturais populares na universidade e fora dela, poderíamos afirmar que ele conquistou uma posição de destaque no cenário acadêmico, sobretudo, em pesquisas que refletiam sobre educação, mundo rural e religião.

O legado de Carlos Rodrigues Brandão é inspirador, pois sua obra e prática acadêmica destacam a importância da escuta atenta, do diálogo horizontal e da valorização dos saberes populares. Ao promover a pesquisa participativa e a observação participante, Brandão contribuiu para a construção de uma ciência brasileira mais inclusiva, crítica e comprometida com a transformação social.

## Referências

AMARO, Flávia Ribeiro. **Os deuses do Outro: Antropologia e Ciência da Religião: uma revisita a obra de Carlos Rodrigues Brandão.** Tese de doutorado – Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião. Juiz de fora: UFJF, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/13858> Acesso em: 11 nov. 2023.

BORDA, Orlando Fals et al. Causa popular, ciência popular: uma metodologia do conhecimento científico através da ação. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999, pp. 131-158.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Peões, pretos e congos: relações de trabalho e identidade étnica em Goiás.** Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de Brasília, 1974a.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás.** Prêmio Nacional do Folclore Americano no Brasil, 1973, Instituto Goiano do Folclore. Goiânia: Oriente, 1974b. Disponível em: <https://apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/2017/03/cavalcadas.pdf>. Acesso em: 19 out. 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Folia de Reis de Mossâmedes. **Cadernos de Folclore.** nº 20, Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Assuntos Culturais: Fundação Nacional de Arte- FUNARTE. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais.** Petrópolis: Vozes, 1981a.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Plantar, colher, comer**: um estudo sobre o campesinato goiano. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981b.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; CAMPOS, Maria Malta; DEMO, Pedro. Quais as questões básicas hoje, para um debate sobre pesquisa participante? **Revista Em Aberto**, Brasília, ano 3, nº 20, p. 13-23, abr., 1984. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/1867/1606> Acesso em: 12 nov. 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A partilha da vida**. Taubaté: GEIC, Cabral, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O afeto da terra**: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da Serra da Mantiqueira, em Joanópolis. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil. **Ruris**, v.1, n.1, mar., 2007a. DOI: <https://doi.org/10.53000/rr.v1i1.643>

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer um trabalho de campo. **Sociedade e cultura**. Universidade Federal de Goiás: Goiânia, vol. 10, nº 1, p. 11-27, jan./jun., 2007b. DOI: <https://doi.org/10.5216/sec.v10i1.1719> Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1719/2127>. Acesso em: 09 nov. 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ouvir, acolher, dizer, partilhar. *In*: POLETTO, Ivo. (org.) **Solidário mestre da vida**: celebrando 90 anos de Dom Tomás Balduino. São Paulo: Paulinas, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. O lugar da vida: comunidade e comunidade tradicional. Campo-Território: **Revista de Geografia Agrária**. Ed. Especial do XXI Enga – 2012, jun., 2014. pp. 1-23. DOI: <https://doi.org/10.14393/RCT91827067> Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/27067> Acesso em: 12 nov. 2023.

HORTA, Ana Paula Santos. **Nas trilhas do velho professor**: transformações rituais e das festas religiosas a partir da obra de Carlos Rodrigues Brandão. Tese de Doutorado-Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. UNESP: Araraquara, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/items/c80a4ac8-e2d8-46cd-ae4d-45eead0b845>>. Acesso em: 13 nov. 2023.

LIMA, Roberto; RODRIGUES, Cintya M. Costa. Uma antropologia militante – Entrevista com Carlos Rodrigues Brandão. **Sociedade e Cultura**, jan./jun. v. 10, n.1. Universidade Federal de Goiás: Goiânia, 2007, pp. 145-149.

MARTINELLO, André Souza. Carlos Rodrigues Brandão: representações e construção bio- bibliográfica. **Revista Perspectivas Sociais**, Pelotas, ano 1, n.1, mar., 2011. pp. 47-62. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/perspectivas/article/view/4933> Acesso em: 12 nov. 2023.

PEREIRA, Maria Bernadeth. Carlos Rodrigues Brandão: formação, multilinguagens e pluriolhares de um educador popular e antropólogo do mundo rural. **História Oral**, v. 20, n. 1, jan./jun., 2017. pp. 55-75.

SOUZA, Angela Fagna Gomes de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser e viver enquanto comunidades tradicionais. **Mercator**, Fortaleza, v. 11, n.26, set./dez., 2012, pp. 109-120. DOI: <https://doi.org/10.4215/RM2012.1126.0007>

STÉDILE, João Pedro; MANÇANO, Bernardo. **Brava gente**. São Paulo: Perseu Abramo, 1996.

WOORTMANN, Klaas. Hábitos e ideologias alimentares em grupos sociais de baixa renda: relatório final. **Série Antropológica**, Brasília, 1978.

Recebido em 15/11/2023.

Aceito para publicação em 07/02/2024.